

REPRESENTAÇÃO DOS TRÓPICOS NA INQUIETANTE TRAVESSIA DE MAX: UMA LEITURA DE MAX E OS FELINOS DE MOACYR SCLiar

Sérgio Levemfous¹

Resumo: A representação dos trópicos na literatura apresenta-se evidentemente como uma questão de perspectiva, um olhar projetado ou esperado. Quando se trata de uma representação de uma sociedade, de acontecimentos, de contextos, de símbolos ou de memórias (verdadeiras, imaginadas, recompostas, fragmentadas), segundo Edgar Morin, as lembranças podem ser deformadas por projeções ou confusões inconscientes como forma de compreender ou digerir uma realidade. Assim, a memória (fonte de verdade?) pode impregnar-se de erros e de ilusões. É o que ocorre em *Max e os felinos* (1981), de Moacyr Scliar. Um romance com características de realismo mágico que traduz de alguma maneira o percurso maior desse escritor: a percepção do real segundo os imigrantes e seus descendentes sobretudo de origem judaica e que compõem hoje a sociedade brasileira. Entre lembranças tornadas opacas pelo tempo e pelas intempéries da vida, o personagem Max tenta dominar as feras selvagens de seu passado e as incertezas de seu futuro para refazer sua vida no Brasil.

Palavras-chave: Trópicos. Memória. Identidade. Imigração.

REPRESENTATION OF THE TROPICS IN THE MOUNTAIN TRAILER OF MAX: A MAX READING AND THE MOACYR SCLiar FELINOS

Abstract: The representation of the tropics in literature present evidently on a question of perspective, a designed or expected look. When it is a representation of a society, events, contexts, symbols or memories (true, imagined, recomposed, fragmented) according to Edgar Morin, memories may be deformed by unconscious projections or confusions as a way of comprehending or digesting a reality. Thus, memory (the source of truth?) can be impregnated with errors and illusions. This is what happens in *Max and the cats* – published in portuguese in 1981 then in English in 1990 –, by Moacyr Scliar. A novel with characteristics of magical realism that translates in some way the greater route of this writer: the perception of the real according to the immigrants and their descendants especially of Jewish origin and that make up the Brazilian society today. Between memories, be made opaque by time and storm of life, the personage Max tries to dominate the wild beasts of his past and the uncertainties of his future to remake his life in Brazil.

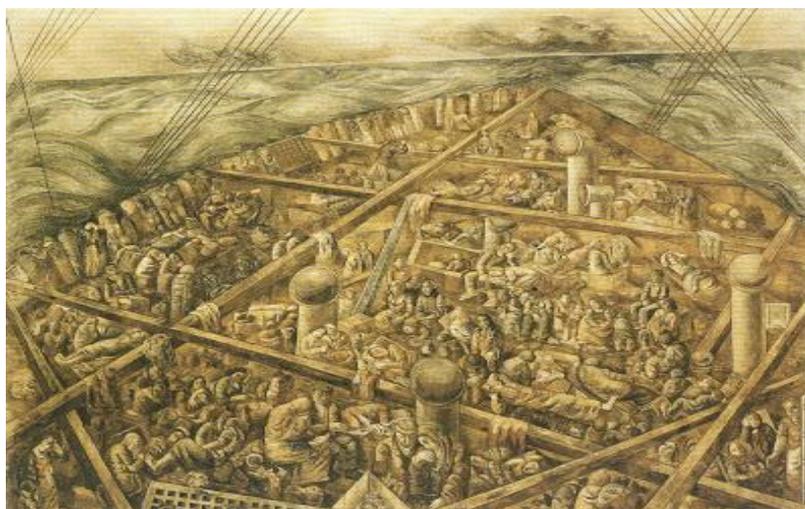
Keywords: Tropics. Memory. Identity. Immigration.

¹ Professor assistente Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA). Doutorando universidade Paris-Sorbonne/UFBA.

A proposta aqui é tecer algumas considerações a partir de *Max e os felinos* e apresentar um pouco do percurso da obra de Moacyr Scliar (1937-2011), conceituado autor brasileiro que fora membro da Academia Brasileira de Letras, e que compreende mais de setenta livros publicados entre crônicas, contos, ensaios e romances traduzidos para vários idiomas, inclusive o romance em questão (ou novela, como alguns o classificam).

A vasta produção do autor merece um olhar minucioso e no universo acadêmico ela vem sendo abordada em relevantes estudos associados a temas como cultura, identidade, memória e sociedade. Nascido em Porto Alegre e originário de uma família de imigrantes judeus russos, embora não tenha vivido o processo de vagas migratórias, Scliar consagra privilegiado espaço em sua obra a períodos de transição e de travessias cujo destino é o Brasil. Em algumas palestras, o autor se definia como um contador de histórias, prazer que alimentou desde criança. Dessa forma, no âmbito ficcional, seus romances compreenderiam uma pós-memória, ou seja, uma memória adquirida por ancestrais e transmitida pelo testemunho pessoal. Eurídice Figueiredo dedica um estudo acerca dessa memória resultante de uma transferência transgeracional. Destaca ela que pós-memória seria, por exemplo, o caso de descendentes de vítimas da Segunda Guerra Mundial, de pessoas ou comunidades que procuram manter viva uma memória coletiva para que ela se perpetue como forma de resistência para que os acontecimentos não se reproduzam. Um correlato ao termo cunhado por Robert Bober na França: *génération d'après*.

Ao falarmos de trópicos, tratamos de uma representação aplicada a países latinos, de um termo bastante usado na Europa e que remete a um imaginário paradisíaco e a um contraditório espaço que agrega harmonia e desordem, projetando no “novo mundo” anseios do “velho mundo”. Assim, quando temos nos trópicos nosso objeto de estudo, trata-se de uma questão de perspectiva, ou seja, do olhar projetado ou esperado a respeito desse objeto. Que sejam representações de uma sociedade, de acontecimentos, contextos, símbolos ou de memórias (verdadeiras, imaginadas, recompostas, fragmentárias...)



Navio de emigrantes: Quadro de Lasar Segall 1939-1942².

Scliar e os trópicos

Várias obras de Scliar apresentam personagens imigrantes para os quais os trópicos são ambientes de possível redenção e de reconforto. Enquanto perspectiva, nem sempre vindo imediatamente a se concretizar: *O sonho no caroço do abacate* (1995) é um exemplo, trata de vinda de uma família de imigrantes judeus para o Brasil. A esperança de uma vida melhor, longe de uma Europa ocupada pela guerra, é simbolizada no desejo da esposa em conhecer frutas tropicais e sobretudo o gosto do exótico abacate. No Brasil, com avidez e inocência ao provar o fruto pela primeira vez, expressou grande decepção pelo seu amargor após tê-lo comido com casca e tudo. De forma caricata, está expresso aqui a estranheza e o exercício de adaptação vivido por recém chegados, nutridos por imagens estereotipadas. Scliar publica em 1992 o romance *Sonhos tropicais*, onde aborda de forma ficcional a vida do médico sanitário Oswaldo Cruz e o período conhecido como a revolta da vacina no Rio de Janeiro do início do século XX. Oswaldo se depara com a difícil realidade dos trópicos, dominada por superstições de uma sociedade

² Pintura a óleo com areia sobre a tela de 1939/42, onde o autor retrata em grande proporção (230 x 275 cm) como muitos fugiram de uma Europa em plena guerra sem saber ao certo o que encontrariam no fim dessa viagem. Em seus rostos, o sofrimento de deixar para trás uma vida inacabada e tentar recomeçá-la novamente em outro lugar.

miserável e resistente a mudanças, ao tentar erradicar a febre amarela e outras epidemias. A ironia referente ao estereótipo dos trópicos está presente nas vozes do romance. As impressões previstas na chegada de um pesquisador estadunidense ao Brasil assim são registradas:

Ele sorrirá: é o trópico, araras, flores exóticas – muito calor. E risos, e a despreocupação. Os rosa-cruzes, eles têm um razoável núcleo nos Estados Unidos – Advertem contra o risco de desperdiçar em risos a energia; mas um país tropical tem direito (na falta de rosa-cruzes) ao riso, ao sol, às plantas exóticas, às aves de plumagem colorida, às flores, às frutas estranhas, ao gracejo, à despreocupação: tudo isso faz parte do seu equipamento de sobrevivência, são os antidotos contra a fome, a doença, o desespero. (SCLiar, 1992, p. 7)

A temática também se vê privilegiada *em Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil* (2003), trata-se de um ensaio, entre literatura, artes, medicina e política, onde Scliar discorre com erudição e abrangência sobre a história da melancolia e suas repercussões na cultura brasileira, referindo-se à ela como uma herança europeia. (Estudo diacrônico, passando pelos gregos – de onde tem origem o termo –, pelos portugueses e etc.)

Max e os felinos

O romance *Max e os felinos* (ou novela como alguns o classificam) se inscreve no realismo mágico brasileiro e traduz de alguma forma o percurso recorrente em sua obra como um todo: a percepção do real de imigrantes e seus ascendentes, sobretudo de origem judaica, no contexto brasileiro.

Publicado em 1981 no Brasil e traduzido posteriormente para vários idiomas. Na França foi publicado pelas edições Folies d'encre sob o título *Max et les Fauves*³; nos Estados Unidos, traduzido por *Max and the Cats*, ganhou grande repercussão depois do sucesso do livro do escritor canadense Yann Martel, *Life of Pi*, vencedor do renomado prêmio Booker Prize em 2002 e que foi publicamente considerado plágio do livro de Scliar pelo jornal *The Guardian*. Scliar descartou o processo judicial aceitando retratação de Martel, que

³ Entre os romances traduzidos e reeditados em língua francesa figuram também *O Carnaval dos animais*, *A guerra do Bom Fim*, *O Centauro no Jardim*, *A majestade do Xingu* e *O exército de um homem só*.

admitiu ter se inspirado no livro *Max e os felinos. As aventuras de Pi* vindo a ter uma versão para o cinema anos depois.

Max é um personagem para o qual o ingresso aos trópicos se dá na relação com as feras de sua vida: “*Envolvido com felinos Max sempre esteve, de um modo ou de outro*”. Essa frase inicia o romance e norteia o percurso do personagem. Filho de um negociante de peles de animais em Berlin, cresce em meio a elas na pequena loja do pai. Para Max, “Tanto desgosto quanto prazer lhes traziam as peles”, informa o onisciente narrador. “Gostava de enfiar o rosto nas peles, principalmente (e isto veio depois a se revelar irônico) nas de felino” (*Max e os felinos*, p. 10). Assim como o limite de um corpo (dentro e fora), a relação com as peles contribuem para uma alegoria à transposição seja ela no experimento a uma identidade outra, seja territorial, expressa nos deslocamentos do personagem.

Ainda jovem, nos anos 1930, Max precisa fugir da Alemanha para escapar aos nazistas, assim embarca em um navio com animais de um zoológico à bordo rumo ao Brasil. Vítima de um naufrágio, se vê à deriva em um barco salva-vidas onde tem que dividir espaço com um ameaçador jaguar que se encontrava em uma jaula e consegue saltar para o barco. A relação do imigrante com a fera tem ali seu momento extremo, mas é no convívio com elas que Max constrói sua identidade ao longo de sua existência. Seja por oposição a ela – sentindo-se ameaçado, seja por espelhamento – lembrando o apagado brilho do olhar de animais cativos.

Mesmo que o personagem não seja um imigrante de origem judaica, os elementos que retraçam essa condição estão presentes, à exemplo do que se verifica em obras de autores reconhecidos por tratarem da condição judaica sem que personagens expressamente judeus estivessem em questão. É o caso de Clarice Lispector e mesmo de Franz Kafka, reiteradas vezes citado nos ensaios de Scliar.

Escrito ainda durante o período militar no Brasil, o romance possui também um cunho político. Em entrevista⁴ fornecida à L&PM editores, Scliar declara que a relação de Max com o jaguar seria o símbolo de como nos sentíamos diante da ditadura, diante de uma fera que poderia agredir, valer-se da força bruta de forma imprevisível.

⁴ Entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JlQitu5oYWw>.

O contexto político requeria dos escritores brasileiros uma sutileza necessária para denunciar a repressão em uma época onde a censura era intensa. Outros romances de Scliar, já em um período de abertura política, ainda retratam essas tensões: em *A majestade do Xingu*, publicado em 1997, com o humor que é peculiar ao autor, é descrita uma cena em que Noel Nutels, médico conceituado e respeitado pelas mais diversas representações políticas, está moribundo em seu leito e é visitado por generais que perguntam por seu estado e que recebem como resposta: “*estou como o Brasil, na merda e cercado por generais*”(SCLIAR, 1997, p. 8).

Em *Max e os felinos*, além dessas alusões ao cenário político, outros caminhos de leitura apontam para o histórico da chegada de imigrantes judeus ao Brasil e sua adaptação ao novo mundo. Neste caso, teríamos em Max confrontado às feras a metáfora de seus temores face ao que vivenciara e ao novo, ao desconhecido.

A cada felino uma associação

Ainda menino, o tigre de bengala empalhado, que dava nome à loja do pai, lhe causa grande temor e desconforto. Na imagem do tigre em cima de um armário a mirá-lo fixamente, o clima tenso de uma guerra que se anunciava em seu país de origem; o jaguar, ao contrário do tigre, lhe fascinava. Isso porque lembrava se de histórias lidas acerca do Brasil e que falavam do tal jaguar:

Iá na terceira ou quarta página da ilustração mostrava o pequeno Pedro em plena selva, olhando espantado, mas sem medo, para um grande felino (um jaguar, segundo o texto) que terminava de devorar um aborígene. o pé deste pendendo do canto da bocarra. Apesar deste banquete, ou justamente por causa dele, o jaguar tinha um ar benigno, bem humorado até, muito diferente do tigre de bengala: daí ter Max ficado com a impressão que o Brasil era um país alegre, feliz. Um dia pretendo conhecer esse lugar tão encantador, escreveu em seu diário. (*Max e os felinos*, p. 13).

Na inocência (*non-sense*) das impressões de um menino, o tom de ironia com referência aos trópicos. O ato de devorar, não trata da antropofagia brasileira reverenciada mas sim, na comparação com o tigre (realidade europeia), temos um jaguar (simbolizando o contexto brasileiro) que pode ser igualmente ameaçador.

Tal como necessitou enfrentar o medo diante do tigre de Bengala na infância, durante a viagem no escaler, ainda que aterrorizado, para chegar ao Brasil, Max precisa enfrentar seu jaguar em meio ao oceano, esse espaço intervalar que não é nem a Europa nem os trópicos. A opacidade entre o fatural e o simbólico apresenta-se na narrativa na forma de uma dúvida: é num contexto de alucinações pela exposição ao sol que o jaguar saltara de uma caixa para o escaler. À deriva, Max alimentou-o enquanto pode na esperança de não ser devorado até não mais encontrar comida. Indignado com a submissão, vai de encontro à fera, desmaia e só volta a si quando marinheiros de um navio o socorrem sem encontrar qualquer traço da presença do jaguar. A cena descreve tanto um embate quanto uma justaposição de corpos: *Atirou-se ao jaguar no mesmo instante em que este dava o bote. Chocaram-se no ar – e ele não viu mais nada. (Max e os felinos, p. 42).*

As condições extremas vividas são passíveis de deformar as recordações por projeções ou confusões inconscientes. Existem, às vezes, falsas lembranças de que nos apossamos assim como recordações recalçadas a tal ponto que acreditamos jamais as ter vivido. Assim, a memória, fonte insubstituível de verdade, pode ela própria estar sujeita aos erros e às ilusões. Nessa estratégia narrativa, onde o real e o imaginário se imbricam o personagem encontra seu caminho, já que o navio o leva para o Brasil.

A realidade dos trópicos, frequentemente associada à diversidade étnica é evidenciada desde o primeiro contato com brasileiros ainda à bordo do navio, quando recobra a consciência:

Abriu os olhos. Rostos inclinavam-se sobre ele: rostos de desconhecidos, uns indiáticos, outros pretos, alguns brancos, também. Miravam-no curiosos, falavam entre si num idioma que Max não conhecia, mas que adivinhou ser o português. Eram os brasileiros aqueles. Brancos, mulatos, pretos, indiáticos... Os brasileiros! Max estava salvo, num navio brasileiro (Max e os felinos, p. 42).

“Os brasileiros!” por um lado, seria a interjeição de um naufrago emocionado ao encontrar seus futuros conterrâneos ou seria, talvez, o registro de uma imagem recorrente no pós-guerra de um país multiétnico, identificando o Brasil como um ambiente de acolhida e onde teoricamente a problemática racial não seria um entrave para imigrantes.

Max instala-se em Porto Alegre e, assim como as ameaças talvez imaginadas de seu passado, outros felinos lhe visitam. À procura pela origem

de um miado de gato, avista pela janela um vizinho com o que acredita ser uma suástica no braço e a bater continência frente ao espelho. No mesmo dia, caminhando pelo centro da cidade, passa pelo que deveria ser um desfile militar e começa a questionar se o que vira era realmente uma suástica.

De qualquer modo. sentia-se inseguro. tão inseguro e ameaçado quanto no dia em que abandonara a Alemanha: tão inseguro e ameaçado quanto nos dias que passara no escaler. Nem atravessando o oceano nem enfrentando o jaguar escapara a seus perseguidores (*Max e os felinos*, p. 52).

O personagem é permeado por traumas ou efeitos resultantes de sistemas de repressão experimentada em período de ditadura militar no Brasil, ou ressentida por sobreviventes de um pós-guerra ou por imigrantes confrontados a uma nova realidade e cujo luto do passado não está concluído, apresentando feridas e desdobramentos.

Entre conciliação com seu passado e busca de afirmação identitária, investe-se em mais uma localidade, o Rio Grande do Sul, onde compra um sítio e, num desejo de integração e identificação com o meio, ali, se casa com uma índia, “*Índia de José de Alencar*” (cf. p. 59), e experimenta a satisfação de encontrar um lar, não sem externar essa sensação comum aos imigrantes e que é, como podemos verificar, tema privilegiado por Scliar: “*Foi com orgulho, mas com certa tristeza, que Max se instalou na casa. Não uma tristeza tão grande como a que sentira ao deixar a Alemanha; era uma coisa mais suave, mais resignada. Melancolia*”. (*Max e os felinos*, p. 56)

No elogio à miscigenação, constrói uma nova vida, contudo, carregando consigo lembranças de seus traumas, de suas feras: “Max sabia que a fauna do Rio Grande não era especialmente rica em feras, mas sua imaginação encarregava-se de povoar a floresta com estranhos felinos. Mas seguia em frente, rumo ao desconhecido”. (*Max e os felinos*, p. 54)

Dessa forma, uma onça, que acredita estar atacando seu sítio e sua família, surge no mesmo momento da instalação de um novo vizinho de origem alemã que Max acredita ser um conhecido nazista responsável pela morte de um amigo.

Historicamente contextualizado, o romance destaca também as dificuldades encontradas pelos imigrantes de origem alemã nos anos 1940, frequentemente hostilizados por associação ao nazismo. Vale lembrar que,

com o ingresso do Brasil na guerra, o uso da língua alemã chegou a ser proibido em solo brasileiro.

A veracidade dos fatos ganha opacidade e entrega ao leitor o exercício da dúvida ao longo do romance, que tem em seu epílogo a morte do vizinho, talvez um nazista de fato, e a reconciliação de Max com seu passado. Max encerra seus dias criando gatos de raça angorá brasileiro, assim não necessariamente livrando-se de suas feras, mas domando-as, tornando-as mais dóceis: *Estou em paz com meus felinos, dizia em seus últimos dias, e ninguém sabia exatamente o que queria dizer. Mas era aquilo mesmo: Max estava em Paz com seus felinos (Max e os felinos, p. 78).*

Entre as feras de sua vida e o trabalho de memória está a forma de re-construção de uma identidade no contexto brasileiro, trabalho contínuo e inacabado. *Max e os felinos* traz uma condição redentora ao tecer vínculos temporais, memoriais e espaciais, retomando e ressignificando acontecimentos sob a cumplicidade da ficção.

Neste espaço privilegiado que é a literatura, onde as múltiplas representações podem ser expostas sem o peso da verdade única, Scliar exemplifica na imagem do personagem conseguindo finalmente domar suas feras o que Paul Ricœur chama de justa memória: o equilíbrio necessário entre lembrar e esquecer.

Referências

SCLIAR, Moacyr. **Max et os felinos**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos**: a melancolia europeia chega ao Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SCLIAR, Moacyr. **A Majestade do Xingu**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SCLIAR, Moacyr. **Um sonho no caroço do abacate**. São Paulo: Global, 1995.

SCLIAR, Moacyr. **Sonhos Tropicais**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

FIGUEIREDO, Eurídice. A pós-memória em Patrick Modiano e W. G. Sebald. In: **Revista Alea**: Estudos Neolatinos, v. 15, n 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

Entrevista de Moacyr Scliar à editora L&PM. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jIQitu5oYWw>>. Acesso em: 2017.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MORIN, Edgar. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão. In: **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 8 ed. Brasília: UNESCO, 2008.

Recebido em 30 de abril de 2018.

Aceito em 28 de maio de 2018.